



## HIBRIDIZAÇÃO

Mariachiara Mondini e Blerta Copa\*

“As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que existe ou acontece em Valdrada é simétrico: a cada rosto e cada gesto respondem do espelho um rosto ou um gesto inverso ponto por ponto. As duas Valdradas vivem uma para a outra, olhando-se continuamente nos olhos, mas não se amam.”

(Italo Calvino — *As Cidades Invisíveis*, 1972)

As conformações urbanas são exclusivas, especiais, ainda mais em uma cidade como Salvador, que vê dentro de si outras cidades, esquecidas, desprezadas, abandonadas, cercadas, excluídas. E se nos afastássemos das idéias enquadradas em definições de dicionário e escrevêssemos uma nova história da cidade, com novos elementos, novas conotações, fusões e colagem de camadas urbanas e sociais, onde a estrada não é apenas a estrada, mas transforma-se em praça, casa, quintal, onde a casa se torna rua e praça? Sejamos, então, um pouco arquitetos, artistas, antropólogos, para parar e olhar a cidade como sobreposição, hibridização, como sedimentação de permanências no tempo de usos e ações. Como em um jogo, podemos usar as práticas urbanas para cruzar, reverter, descontextualizar, transformar os conceitos ortodoxos de espaço público e privado. O projeto feito de pessoas, das pessoas, para as pessoas e nasce dentro do tecido vivo da cidade, tenta desconstruir a lógica hegemônica das grandes obras urbanas. Ruínas, desapropriações, espaço público são sujeitos principais da ação que visa reativar os pontos nevrálgicos da cidade. Num contexto em que as casas são tratadas como ruínas vazias (desapropriações), as ruínas como espaços particulares (intocáveis) e a falta de infraestrutura pública leva as pessoas a falere adaptações dos diferentes espaços da cidade, pretendemos adotar esta mesma metodologia para re-significar os lugares invisíveis, escondidos no corpo da cidade.

O projeto quer dar visibilidade à resistência dos moradores das casas desapropriadas no Dois de Julho para fins de requalificação do bairro, que, mesmo depois disto ter sido oficialmente decretado pelo poder público, permanecem habitadas. Através da interlocução com os moradores, serão abertas essas casas, colocando-as como espaço público, como extensão

da rua, para que os visitantes se aproximem do conflito, das narrativas que cercam essas pessoas e contribuam com a discussão sobre o delicado equilíbrio do público/privado, e a fomentar mais debate e participação da população sobre o uso que se pretende fazer desses espaços.

Assim como, propõe-se discutir o que será feito dos espaços vazios da cidade: as ruínas retomarão seu significado no tecido urbano enquanto casas; móveis serão suspensos nas fachadas, configurando um deslocamento de elementos físicos próprios da casa (cama, tapete, cadeiras, armário, pia, televisao, mesa de cabeceira, abajur,...) e também preencherão seu interior. Quando não, virarão praças, parques, quadras de esporte, mirantes, museus.

Os vazios serão abertos, em alguns casos, à outras possibilidades de re-criação de espaços públicos: estantes de livros sugerindo bibliotecas, pinturas e obras de arte propondo museus, plantas, grama, flores, bancos indicando parques. Na hibridização do corpo urbano as ruas não serão mais linhas de ligação de um ponto à outro, somente de passagem, mas lugares onde ficar, morar, descansar, tomar banho e banho de sol, brincar, dançar, ler.

A intervenção prevê um mapeamento das ruínas, das desapropriações, dos espaços públicos do Centro Antigo o através do filtro da hibridização. Um mapa levará os visitantes a descobrir as novas possibilidades criadas, como um convite a modificar, interagir com os novos/antigos espaços criados, viver as novas conformações urbanas, brincar com as provocações.



Fig. 2 ph Caroline Lima



# INTER[AÇÃO]

Uma linha vermelha no chão marca com gesto abstrato, como no mapa das desapropriações feito pela prefeitura, um complexo mundo de ações, interações e sobreposições para qual o visitante será levado através de quatro diferentes tipos de intervenções:

**DESCANSE** — relaxe nas redes no meio da ladeira da preguiça. Leia um livro. Converse com as crianças. Transforme a rua no quintal de casa.



Fig. 1 ph Leo Costa

**FIQUE** — coma um pastel na casa de dona Vilma e novamente subverta a ordem gerárquica dos espaços públicos e privados. As casas que serão desapropriadas viram bares, galerias de arte, parques, mirantes para o mar... Coma um acaraje no beco da Califórnia que agora tornou-se praça, interaja com os moradores. Descubra as histórias e as personalidades dos espaços habitados.



Fig. 2 ph Leo Costa

• **MORE** — sente no sofá, nas cadeiras, deite na cama. Observe a ruína ou seu redor de um outro ponto de vista. Olhe para as fachadas fechadas das casas com cadeiras, pinturas, cortinas e flores pendurados. Veja as ruínas pelo que poderiam ser, e não pelo que são.

Fig. 3 ph Antonio Veneri



• **ANDE** — desça as escadas e pare para admirar a paisagem, passeie e sente nas cadeiras ao longo do caminho. A escadaria torna-se uma projeção das casas: os móveis e as fotos dos moradores introduzem vocês ao mundo deles. As casas se abrirão e você descobrirá uma passagem secreta, uma nova estrada que leva à praça/beco da Califórnia. Erre para conhecer, erre para se perder, erre para se encontrar.

